

AS REUNIÕES DA IFLA E DA FID EM BUDAPESTE DE 26 DE AGOSTO A 14 DE SETEMBRO DE 1972

por JORGE PEIXOTO

1.º Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

RESUMO: Apresentam-se os principais tópicos recolhidos nas sessões de trabalho do 38.º Conselho geral da IFLA e da 36.ª Conferência e Congresso Internacional da FID, realizados em Budapeste de 26 de Agosto a 14 de Setembro de 1972, dando-se notícia dos trabalhos, conclusões, focando em especial os aspectos da Administração e da catalogação aí versados.

It presents the most interesting topics encountered in the work sessions of the 38th General Council of IFLA and the 36th International Conference and Congress of FID which took place in Budapest from August 26th to September 14th, 1972. It refers to the papers presented and the conclusions reached with special reference to the aspects of Administration and cataloguing dealt with these.

Graças a uma bolsa concedida pela Direcção-Geral dos Assuntos Culturais do Ministério da Educação Nacional participámos nos Congressos que a Federação Internacional das Associações de Bibliotecários, IFLA ou FIAB, e a Federação Internacional de Documentação, FID, promoveram em Budapeste, respectivamente, de 26 de Agosto a 2 de Setembro e de 2 a 14 de Setembro de 1972. É de notar que o da IFLA teve a concorrência de cerca de 1.000 participantes e o da FID de uns 300. Se é verdade que se verificam alguns atritos nas relações entre estas duas poderosas organizações, temos de reconhecer que há cada vez mais um maior entendimento, ou melhor: necessidade de ambas trabalharem em perfeito acordo. E isto é tão evidente que se chega ao ponto de certos participantes proporem que as grandes reuniões da IFLA e da FID se façam nos mesmos locais e em datas seguidas, pois assim haverá uma maior possibilidade de entendimento.

A reunião da IFLA decorreu sob o seguinte tema: A LEITURA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO, enquanto a da FID teve por lema: A PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES MENOS INDUSTRIALIZADOS NA EXPANSÃO DAS ACTIVIDADES DA DOCUMENTAÇÃO E NA TROCA DE INFORMAÇÕES.

A reunião da IFLA, embora com maior número de participantes, teve melhor organização, talvez devido ao facto das 150 comunicações que foram presentes se terem repartido pelas seguintes secções:

1 — Bibliotecas universitárias; 2 — Bibliotecas para crianças; 3 — Estatística e padrões. 4 — Publicações oficiais; 5 — Publicações periódicas; 6 — Bibliotecas nacionais; 7 — De geografia e mapas; 8 — De ciências sociais; 9 — Especializadas; 10 — De hospitais; 11 — De livros raros e preciosos; 12 — Trocas e permutas; 13 — Bibliografia; 14 — Catalogação; 15 — Teoria e Investigação biblioteconómica; 16 — Bibliotecas parlamentares; 17 — Bibliotecas públicas; 18 — Construção de bibliotecas; 19 — Mecanização em bibliotecas; 20 — Catálogos colectivos; 21 — Administração de bibliotecas.

Na longa lista das comunicações aí apresentadas — e de que trouxemos a maioria delas à disposição dos leitores de «Cadernos»⁽¹⁾ — destacamos as seguintes, já por as termos escutado, já por havermos seguido a respectiva discussão:

- 1) ALAIN, M. — *Recherches psycho-sociologiques sur les habitudes de lecture au Canada*;
- 2) ANKUDOVITCH, Ya — *Dynamics of the development of book reading in the country and in town*;
- 3) BARNETT, M. P. e BARNETT, B. Hurlock — *Machine readable files for mechanized search and publication*;
- 4) BLAZEKOVIC, T. — *The school library or the classe-room library*;
- 5) BOOM, J. — *Reading in a changing world*;
- 6) BOSSUAT, M. L. e PELLETIER, M. — *International standard bibliographical description for serials. Second working document*;
- 7) CHANDLER, G. — *Research on books and reading in society in the United Kingdom*;
- 8) CHUBARYAN, O. S. — *Reading in modern society*;
- 9) CSÜRY, I. — *The place and role of libraries in the system of renewed university education*;
- 10) ESCARPIT, Robert — *La lecture dans un monde en mouvement*;
- 11) FENELONOW, E. A. — *The state of the library statistics in the URSS*;
- 12) FENILLEBOIS, G. — *Des bibliothèques spécialisées pour le progrès, la science et l'humanisme*;
- 13) GENZEL, P. — *The costs and problems of transmission services*;
- 14) GOMBOZC, I. — *European conference on the international exchange of publications*;
- 15) HÖHNE, H. — *Principles for the arrangement of the entries of personal authors. Working paper 3*;
- 16) HONORÉ, S. — *Ways of making official publications available*;
- 17) HUMPHREYS, K. W. — *The use of university libraries by academic staff and students*;
- 18) HURY, C. — *Rapport du groupe de travail sur les «quotidiens»*;
- 19) KHRENKOVA, A. A. — *The work of cataloguing Committee of the URSS; lists of principal corporate bodies in various countries*;
- 20) KIRPICHEVA, J. K. — *Information requirements and training scholars and specialists in librarianship and bibliography*;

(1) No caso de desejarem consultá-las, deverão dirigir-se à redacção de «Cadernos», que mandará executar as respectivas xerocópias cujo custo será por conta da pessoa que as solicitar.

- 21) KURTH, W. H. — *Price indexes for library materials: the need on an international basis*;
- 22) LOHMANN, O. — *The standardization problem in IFLA since 1971*;
- 23) NEUBAUER, K. W. — *Application of ISBN in libraries. Proposal for research activities of IFLA*;
- 24) PEEP, L. e SINKEVICHUS, K. — *The role of a university library in training students on how to use books*;
- 25) REICHARDT, G. — *Special libraries for science*;
- 26) RHODES, R. G. e EVANS, A. J. — *The educational role of the university library and the provision of information services*;
- 27) ROSENBAUM, M. — *ISDS*;
- 28) SALLAI, I. — *Planning and construction of library building in Hungary*;
- 29) SCHICK, F. L. — *The status of national statistics of libraries in western countries*;
- 30) STANDARDS FOR PUBLIC LIBRARIES;
- 31) SZENTMIHALYI, J. — *Users' needs in bibliography. Training of users in the field of bibliography*;
- 32) VANWIJNGARDEREN, F. — *Quelques suggestions pour faciliter, améliorer et développer les échanges de publications avec les pays en voie de développement*;
- 33) VARGA, B. — *Children's literature in the future*;
- 34) WHITE, H. S. — *Special libraries in science and the humanities: a progress report*.

Como conclusões finais temos as seguintes:

1 — BIBLIOTECAS NACIONAIS E UNIVERSITÁRIAS — (IFLA — S/NUL):

- a) Dados os problemas da deterioração dos livros e manuscritos, antigos e contemporâneos;
- b) Dada a necessidade de se fazer o seu restauro, recomenda-se:
 - 1) Fazer um inventário de todos os aspectos a estudar;
 - 2) Formular proposições para um plano de trabalho prático.

2 — BIBLIOTECAS PÚBLICAS (IFLA — S/PL):

- a) Que seja formado um grupo de trabalho que estude as normas necessárias para prover, gerir e colocar equipamentos áudio-visuais nas bibliotecas de leitura pública.

3 — CATALOGAÇÃO (IFLA — C/CAT):

- a) Que seja criado um grupo de trabalho composto por membros das Comissões de Catalogação e Mecanização para estabelecer princípios e normas para a ordenação de fichas, tanto manualmente como por meio de computador;
- b) No que diz respeito ao trabalho da Comissão de Catalogação da URSS relativo à compilação de listas das principais colectividades dos diferentes países, conforme a resolução IVb da Declaração de princípios da Conferência de Paris, decidiu-se:

1) A Comissão de Catalogação assume a plena responsabilidade pela publicação da lista das colectividades principais legislativas e executivas dos vários países após a aprovação da lista nacional de cada país por uma autoridade para a catalogação no país em questão;

2) A compilação no capítulo colectividades das listas gerais fazendo autoridade deverá ser confiada a centros nacionais de bibliografia em cada país e a Comissão de Catalogação esforçar-se-á no sentido de promover este trabalho em concordância com as normas internacionais;

3) A Comissão de Catalogação apoia a iniciativa tomada pela Associação de Bibliotecas Internacionais de redigir e publicar uma lista da forma oficial dos nomes das organizações internacionais.

4 — COMISSÃO DOS CATÁLOGOS COLECTIVOS E DE EMPRÉSTIMO INTERNACIONAL (IFLA-C/IL):

A Scandinavian Library Center, a cargo da qual estava o assunto, apresentou um modelo de boletim, com 3 cópias em papel NCR.

Foi também apresentado o manuscrito definitivo do MANUAL DO EMPRÉSTIMO INTERNACIONAL, cuja impressão devia ter começado em Outubro de 1972.

5 — COMISSÃO DAS TROCAS DE PUBLICAÇÕES E COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS (IFLA — C/EP e IFLA — C/OP):

Solicitaram a preparação da Conferência dos Especialistas das Trocas na Ásia, a qual se deve realizar em 1976.

Prepara-se um projecto de plano para se fazer uma nova edição do MANUAL DAS TROCAS INTERNACIONAIS DE PUBLICAÇÕES, da Unesco, publicado em 1964.

6 — COMISSÃO DE TROCAS DE PUBLICAÇÕES (IFLA — C/EP):

Propôs-se que cada centro nacional de trocas que envia as espécies em grupo seja convidado a comparar os custos com os dos envios directos, remetendo as indicações para o Dr. Genzel, da Deutsche Staatsbibliothek, de Berlim, que está a proceder ao estudo sobre os atrasos devidos ao envio por parte de um órgão centralizador.

É necessário fazer estudos para se estabelecer um projecto de formulário normalizado a fim de recolher os dados estatísticos de base.

7 — COMISSÃO DAS PUBLICAÇÕES EM SÉRIE (IFLA — C/SER):

Fixou os seguintes objectivos:

1 — Concluir até ao fim de 1972 a norma internacional da descrição das publicações em série, a ISBDS, que deve corresponder às seguintes exigências:

— ser compatível com a ISBD

— integrar-se no sistema de controle bibliográfico internacional

— compreender nos seus elementos o ISSN e os dados necessários ao centro internacional para o registo das publicações em série.

2 — Manter as ligações necessárias com o Comité da TC/46 da ISO.

3 — Organizar reuniões comuns com outras comissões da IFLA, sobretudo com a Comissão Internacional de Catalogação, a de Mecanização e a de Publicações Oficiais, para se estabelecerem grupos de trabalho.

O grupo de trabalho dos jornais diários da Comissão de Publicações em série propôs, entre outras coisas, compilar uma bibliografia sobre o tema: «O jornal diário na biblioteca» e estabelecer contacto com a Comissão de Reprografia para se adaptar os aparelhos de microfilmagem e de leitura à melhoria da reprodução e da leitura dos jornais diários.

8 — COMISSÃO DOS LIVROS RAROS E PRECIOSOS (IFLA — C/RPB):

Inteirou-se do estado actual e do próximo aparecimento ao público do primeiro volume da ANNUAL BIBLIOGRAPHY OF THE HISTORY OF THE BOOK AND LIBRARIES, e formou-se um grupo de trabalho para estudar os problemas relativos à conservação das espécies.

9 — COMISSÃO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL (IFLA — C/EDU):

Recomendou-se que a presente Comissão seja transformada em Secção de Escolas de Bibliotecários.

10 — COMISSÃO DE MECANIZAÇÃO (IFLA — C/MEL):

Recomenda-se que a IFLA ponha em movimento um estudo sobre a utilização do ISBN nas bibliotecas.

Deverá constituir-se, juntamente com a Comissão de Catalogação, um Grupo de trabalho para estudar a aplicação dos princípios de base e as normas para a ordenação alfabética manual e mecânica.

Igualmente se deverá criar um grupo para estabelecer a codificação dos dados bibliográficos *content designators*.

11 — COMISSÃO DE BIBLIOGRAFIA (IFLA — C/BIB):

O domínio das suas actividades compreende a bibliografia teórica e prática. O seu principal papel consiste no estudo da situação presente da bibliografia nacional em todo o mundo, no apoio a fornecer ao estabelecimento de bibliografias nacionais nos países onde ainda não existe a bibliografia fundamental e ocupar-se também da melhoria das bibliografias nacionais já existentes.

Quanto às suas actividades presentes, esta Comissão está empenhada nas seguintes:

a) Compilação de um resumo das bibliografias nacionais existentes no mundo com destino a ser presente ao Simpósio da IFLA que se realizará em Bremen no ano de 1973 sobre o controle bibliográfico universal e preparação dos relatórios para tal Simpósio;

- b) Preparação da discussão do controle bibliográfico universal que será o tema principal da sessão do Conselho Geral da IFLA em Grenoble, no ano de 1973;
- c) Compilação de uma bibliografia das obras publicadas no mundo inteiro sobre a situação da bibliografia nos países em vias de desenvolvimento;
- d) Preparação de um relatório preliminar sobre a situação no domínio da bibliografia nos países em vias de desenvolvimento com destino a ser presente à reunião de Grenoble.

12 — ASSOCIAÇÃO DAS BIBLIOTECAS INTERNACIONAIS (AIL):

O Conselho Geral da IFLA resolveu:

- a) seguir através da AIL os estudos que impliquem recomendações e proposições práticas adoptadas que serão publicadas em relatório geral;
- b) seguir especialmente a realização de certos trabalhos que a AIL efectue em ligação com secções ou comissões da IFLA: organização de pequenos seminários visando objectivos limitados como, por exemplo, no domínio da formação de diversas categorias de depositários e utilizadores da documentação internacional assim como os estudos aprofundados que estes desenvolvimentos poderiam justificar e que o Instituto das Nações Unidas para a Formação e a Investigação (UNITAR) poderia tomar a seu cargo.

13 — GRUPO DE TRABALHO SOBRE A INVESTIGAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO EM DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA (WG/RD).

Que os centros nacionais sejam estabelecidos para recolha de informações e de relatórios sobre as actividades de investigação e desenvolvimento daquele domínio;

Que o grupo de trabalho solicite também que seja tido ao corrente das actividades de todo os seus membros, grupos de trabalho relativamente ao UNISIST.

*

* *

Como se vê, a temática desta reunião da IFLA foi riquíssima e daí impor-se-nos desde logo uma opção. Assim preocupámo-nos predominantemente com dois temas:

- a) o da ADMINISTRAÇÃO DE BIBLIOTECAS;
- b) o da CATALOGAÇÃO.

No capítulo da ADMINISTRAÇÃO, houve vários estudos sobre o chamado P. P. B. S. ou seja PLANNING-PROGRAMMING-BUDGETING, que significa que as grandes bibliotecas ou sistemas de bibliotecas exigem a criação de um meio que exerça as funções de contabilidade, de informação e de planificação financeira, pois a biblioteca não é mais, neste campo, do que uma empresa que se terá de reger pelos métodos de qualquer complexo industrial ou

comercial, isto é, será numa *base de quantificação* que se poderá desenvolver toda a actividade de qualquer complexo biblioteconómico ou documental.

As fases do Planeamento consistem na explanação do seguinte:

- a) OBJECTIVOS: especificação de objectivos e fins;
- b) MEIOS: selecção de política, métodos e práticas objectivas e fins a alcançar;
- c) FONTES: determinação dos tipos e reunião dos recursos desejados, forma de se proverem e adquirirem e como eles são atribuídos de acordo com as suas actividades;
- d) REALIZAÇÃO: delineação de processos para se tomarem decisões e maneira de os organizar de forma ao plano ser realizado;
- e) CONTROLE: delineação de um processo de antecipação e detecção de erros ou falhas, no plano e da sua prevenção, ou correcção, numa base de continuidade.

Como estrutura, entende-se um conjunto de actividades de uma organização em função dos objectivos desejados, a que corresponde uma «grille» de programas postos em marcha para alcançar os objectivos.

Há também que fazer uma análise sistemática dos custos e dos benefícios contabilizados dos programas ou dos programas alternativos.

Há igualmente que estabelecer processos de controle e avaliação para pôr de pé os programas aceites e medir o seu impacto em *termos monetários (valor do serviço prestado)* ou em *termos de objectivos (graus de realização do fim em vista)*.

Temos, pois, duas noções centrais: *objectivo* e *programa*.

Por *objectivo* entendem-se os fins da organização, os quais, de início, podem ser definidos de forma bastante vaga e imprecisa, mas convém desde então especificá-los determinando os objectivos de nível inferior de forma suficientemente concreta de maneira a ser operacional e susceptível de serem postos em relação com as actividades da instituição.

Por *programa* entende-se o conjunto de acções visando o mesmo objectivo.

O P. P. B. S. tem três *ideias-chave* que são as seguintes:

- a) A do alargamento do horizonte temporal do processo orçamental. Trabalha-se para um período de 5 anos pelo menos;
- b) A de uma medição dos resultados que procura pôr em marcha um programa;
- c) A do registo do *conjunto dos custos* ligados à realização de um programa.

De acordo com estas ideias, F. de Vrieze apresentou uma comunicação sobre aplicação prática do P. P. B. S. à Biblioteca Real Alberto I, de Bruxelas, que dividiu nos seguintes capítulos:

1. *Trabalhos efectuados*

1.1 Missão do Grupo P. P. B. S. na BR Alberto I — o Grupo procurou convencer o governo da possibilidade de aplicar este sistema à RB Alberto I, estabelecendo para ela uma estrutura de programas e uma discussão de programas de despesas efectuadas para 1970.

O método seguido para a elaboração dos documentos foi este:

- a) Entrevista de todos os chefes de secção e de serviço para se esclarecerem os objectivos das acções e dos serviços;
- b) Elaboração de um projecto de estrutura pela equipa P. P. B. S.;
- c) Apresentação do projecto de estrutura a cada chefe de secção em serviço para ele verificar se havia aí uma descrição suficientemente completa dos seus objectivos e actividade necessárias à sua realização.
Redacção da estrutura definitiva;
- d) Envio a tais chefes de um quadro para completar com a indicação em percentagem do tempo da actividade consagrada por cada agente nos diversos programas na execução dos quais participou em 1970;
- e) Cálculo do custo médio pelas diferentes categorias de agentes;
- f) Repartição entre os diferentes programas das despesas além das do pessoal;
- g) Com base nos elementos colhidos, fez-se um quadro sintético com o custo de cada programa para 1970.

2. *Desenvolvimento ulterior*

a) Nos quadros apresentados não figurava nenhum dado sobre o *output* dos diferentes programas, subcategorias e categorias, pelo que, por exemplo, não eram conhecidas as categorias de leitores (estudantes de diversos níveis, investigadores universitários, industriais); era também necessário estudar a maneira como a obra era pedida pelos utilizadores (consulta dos índices, catálogos por assuntos, informações obtidas fora da biblioteca, etc.), a fim de se estabelecer a medida em que o catálogo por assuntos contribuiu para a consulta das obras.

Um programa de inquéritos e estudos foi formulado e executado progressivamente. Foram igualmente feitos outros inquéritos sobre a circulação das colecções gerais (repartição por disciplinas e em função das diversas categorias de utilizadores); sobre a evolução dos preços de aquisição; sobre o número de pedidos que não podem ser satisfeitos por a obra estar a encadernar; sobre a utilização das obras colocadas à disposição directa dos utilizadores; sobre a utilização dos periódicos na sala; sobre a difusão e utilização da *Bibliographie de Belgique*; e, por último, sobre as exposições organizadas na própria Biblioteca;

b) As estatísticas disponíveis permitiram contudo o cálculo do custo unitário de certos «outputs» intermediários e do tempo requerido para a realização de certas tarefas. Os tempos médios foram avaliados directamente ou comparados com os dados recolhidos noutras bibliotecas;

c) Os dados do P. P. B. S. têm servido para a preparação de um estudo cujo objectivo era determinar qual o serviço da biblioteca que convém automatizar em primeiro lugar, se se lhe dá por objectivo alcançar o mais rapidamente possível um máximo de recursos clássicos.

3. Conclusões

a) Demonstrou-se que a análise retrospectiva de um orçamento não exigia em tempo e pessoal senão recursos limitados. As despesas maiores das bibliotecas são em pessoal e que os dados anuais actualizados graças ao P. P. B. S. não constituem carga muito elevada;

b) A determinação dos objectivos não apresenta dificuldades para as bibliotecas e põe-nas ao abrigo de surpresas;

c) A medida do valor dos «outputs» constitui o ponto mais delicado, dado que na filosofia do P. P. B. S. esta medida só é pedida se ela é razoavelmente possível. Na impossibilidade de se poder medir directamente o *output*, convém obter medidas indirectas mais apropriadas. Nas bibliotecas, deverá ter-se em conta o número de *serviços* de diferentes espécies que a biblioteca proporciona às diversas categorias de utilizadores;

d) A análise das despesas para 1970 levou a uma estrutura de programas muito detalhados a 4 níveis. Nas relações entre a biblioteca e a instituição que a financia, um P. P. B. S. muito menos complexo (2 níveis) bastará;

e) O P. P. B. S. contribui também para tornar a biblioteca *transparente* e *governável*, o que facilita a identificação dos problemas, dá uma mais exacta noção dos recursos disponíveis e justifica melhor os pedidos de reforços suplementares.

O outro problema que, naturalmente, nos preocupou foi o da CATALOGAÇÃO. Tivemos aí oportunidade de estabelecer contacto pessoal com os responsáveis mais directos da Comissão Internacional, instalada em Londres, sob a direcção de A. H. Chaplin, secretariado pela sr.^a Dorothy Anderson.

Discutiui-se o 2.^o projecto da DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA INTERNACIONAL NORMALIZADA DAS PUBLICAÇÕES EM SÉRIE, conhecida pelas iniciais ISBDS.

O seu objectivo é o de apresentar, sob uma forma normalizada e de acordo com uma ordem pré-estabelecida, os elementos indispensáveis à identificação de publicações em série, de fixar a ordem da apresentação destes elementos e determinar quais os sinais de pontuação para separar estes elementos. Tais elementos, no entanto, são transcritos na forma em que figuram na publicação pelo que, por exemplo, o nome da colectividade é transcrito tal como figura na página ou folha de rosto onde o título se encontra. A epígrafe é estabelecida, porém, conforme os Princípios de Paris.

À notícia descritiva podem acrescentar-se os elementos de que certos catálogos careçam tais como o estado das colecções, siglas dos organismos onde existam essas publicações, colocações.

Como um dos primeiros problemas surgiu a necessidade de se esclarecer o problema do TÍTULO-CHAVE, que se faz coincidir de forma total com o TÍTULO-PRÓPRIO.

O ISBDS apresenta as seguintes zonas:

ZONA I — *Zona do título e menção do autor*

Título-chave

Título-paralelo

Indicação do autor

ZONA II — *Pé de imprensa*

Local da edição

Nome do editor

Limites cronológicos e numéricos

Local da impressão

Nome do impressor

ZONA III — *Colaço*

Indicação de ilustrações

Formato

Material que vá a acompanhar

ZONA IV — *Indicação da colecção*

ZONA V — *Notas*

ZONA VI — *ISSN e indicação do preço*

Seguidamente trata-se de determinar o tipo de pontuação utilizada e das fontes de informação.

Antes, porém, apresentemos os exemplos que nos esclarecem melhor o que aquele documento preconiza. Eis uns tantos, que procuram ser dos mais expressivos:

1.º *Exemplo* — Trata-se de uma revista:

/ Bulletin / de la Société d'antropologie du Sud-Ouest //. — Bordeaux (Pl. de la Victoire): Faculté de Médecine, Laboratoire d'anatomie, 1968 (n.º 3) — 27 cm.

Continua: Bulletin intérieur de la Société d'anthropologie du Sud-Ouest, ISSN 0000-0000
ISSN 0000-0000

2.º *Exemplo* — Trata-se de uma publicação anual:

/ Livret de l'étudiant / Université des sciences sociales de Grenoble II //. — Saint-Martin-d'Heres (Domaine universitaire, b. p. 35): Université des sciences sociales de Grenoble II, 1970-1971 —. — 21 cm.

Anual. — Substitui parcialmente: Livret de l'étudiant / Université de Grenoble, ISSN 0000-0000
ISSN 0000-0000

3.º *Exemplo* — Trata-se de *colecção numerada*:

/ Archives de notre temps //: textes et documents de sciences sociales / Fondation nationale des sciences politiques. — Paris: A. Colin, 1971 (1) —. — 25 cm.

ISSN 0000-0000

4.º *Exemplo* — Trata-se de *colecção não numerada*:

/ Esprit. Frontières ouvertes //. — Paris: Editions du Seuil, 1946 —. — 23 cm.

ISSN 0000-0000.

Quanto à *pontuação*, que nos parece um tanto estranha, é a seguinte:

Cada elemento do ISBDS é anunciado por uma pontuação obrigatória, excepto o *título-chave* cujo termo é sempre assinalado por uma barra dupla oblíqua //.

Certos sinais de pontuação são comuns a todas as zonas, tais como:

a) Três pontos ... , que se aplicam para indicar a supressão de elementos em certas zonas;

b) Cada zona do ISBDS encontra-se separada da seguinte por um ponto e um traço . —. O título é precedido e seguido sempre por 1 espaço;

c) Os parêntesis podem ser utilizados para fins diversos ao longo de todo o ISBDS.

Os outros símbolos utilizados para a pontuação do ISBDS, além dos sinais vulgares de pontuação, são os seguintes:

a) *Sinal de igual* =, é sempre e unicamente utilizado para separar um *título-paralelo* do *título-chave* e de outros títulos paralelos;

b) *Barra oblíqua* /, é sempre e unicamente utilizada para anunciar a *indicação do autor* qualquer que seja o seu lugar, inclusivamente no meio do *título-chave*;

c) *Dupla barra oblíqua* //, é sempre e unicamente utilizada para indicar o fim do *título-chave*.

Estes símbolos são sempre seguidos de um espaço, a fim de os distinguir dos mesmos símbolos que se podem encontrar nos títulos.

Portanto o esquema da *pontuação* é este:

— Título-chave //

paralelo =

Outro título :

Menção do autor /

Lugar de edição .—

Nome do editor :

Datas de publicação:

(Lugar de impressão do impressor) :

Ilustração, formato e material que acompanha .—

(Colação)

Notas

ISSN (1): Preço

O caso do Internacional Serial Data System, ISDS, foi tratado no âmbito de Unisist, pela sr.^a Rosenbaum.

Os seus objectivos são os seguintes:

- a) Desenvolver e manter um registo internacional dos seriados de todos os países e abrangendo todos os ramos do conhecimento;
- b) Tornar esta informação corrente e a ser aproveitada por todos — países, organizações e utilizadores;
- c) Estabelecer uma rede de comunicações entre as bibliotecas, serviços secundários de informação, editores de tais seriados e organizações internacionais.

A estrutura do sistema obedece ao esquema:

a) *Centro Internacional*, com sede na Biblioteca Nacional de Paris, graças a um acordo do governo francês e da Unesco, com as seguintes funções:

- I) Ordenar em termos de automatização os Seriados;
- II) Fazer um registo internacional das publicações seriadas;
- III) Promover o estabelecimento de redes mundiais de centros nacionais e regionais;
- IV) Promover a publicação de um registo dos seriados dos países que ainda não tenham centros nacionais;
- V) Ter a seu cargo o International Standard Serial Number, ISSN.

b) *Centros nacionais*, cuja criação é de responsabilidade dos governos participantes no programa Unisist.

As suas funções específicas são:

- I) Registrar as publicações seriadas do respectivo país;
- II) Contribuir para o Registo Internacional dos Seriados;
- III) Estabelecer acordos entre o ISDS e os editores dos Seriados;
- IV) Estabelecer relações com os utilizadores e estes e o próprio Centro Internacional.

Os dados serão apresentados no Marc formato e as suas fontes de informação são as seguintes:

Página de título

Capa

Sumário

(1) Trata-se das iniciais do International Standard Serial Number, ou seja o Número Normalizado Internacional da Série, ou ainda do ISBN, International Standard Book Number. Como se sabe, é um número composto de 10 cifras, que se dividem em 4 segmentos, desempenhando cada um destes um papel de identificação particular e comporta um número variável de cifras. As razões da adopção do ISBN e do ISSN filiam-se na necessidade da gestão apoiada na electrónica que obriga a identificar toda a publicação com uma numeração.

Outras fontes.

Por seu turno a lista dos elementos a recolher é esta:

- Data da entrada ou a mais recente alteração
- Número de código do centro
- ISSN
- Código
- Forma de publicação
- Tipo de publicação
- Início da publicação
- Fim da publicação
- País da publicação
- Alfabeto original do título
- CDU
- DDC
- Título-chave
- Palavras acrescentadas ao título
- Título abreviado
- Variante do título
- Título antigo
- Sucessor do título
- Edição noutra língua
- Tem outra língua de edição
- Suplemento.

Autores com muitas obras

O grupo de trabalho do Comité de Catalogação encarregado da Organização das Entradas dos Autores com muitas obras apresentou um trabalho, o WORKING PAPER 3 (WP3), que teve em consideração o WP 2 de autoria de Heinz Höhne e as críticas de autores franceses, ingleses, russos e italianos.

As conclusões do WP 3, após tais críticas e sugestões, foram as seguintes:

1. Autores com muitas obras entendem-se os escritores com uma rica produção de obras que existam na instituição, bem como em colecções e selecções, e ainda em várias edições e traduções. Parece preferível que todas estas obras sejam designadas por *colecções* e *obras singulares*, conforme os Princípios, secção 2.2.
2. O arranjo da entrada do autor é por opção, mas deve, no entanto, ser aplicado na instituição desde o começo, ou mais tarde quando houver já um grande número de entradas.
3. Se o arranjo não for aplicável, os princípios de ordenação são os mesmos como se de obra singular se tratasse.

4. Ao organizar-se a entrada de um autor para *todas as coleções* da sua obra deveriam estas receber um título colectivo.

5. a) *Colecção*: entendem-se duas ou mais obras independentes em partes de obra de um autor, não se olhando ao facto delas terem sido unidas pelos seus autores, outras pessoas, ou corporação-autor.

Texto alternativo: Uma «*colecção*» consistirá em duas ou mais obras ou partes de obras de um autor, que não foi primeiramente escrita para tal ocasião ou a publicação em primeira mão e que não é apresentada pelo autor ao público como parte integral da mesma obra.

b) O mesmo se aplica a coleções de ensaios, discursos, cartas, etc., de um autor.

c) Os seguintes tipos de títulos devem constituir uma *colecção*:

— Título geral dado pelo editor ou título distintivo;

— Título consistindo do título de uma obra contido na *colecção*;

— Título consistindo em palavras que denotem o género.

6. Uma «obra singular» é um produto literário completo em si, elaborada com o objectivo de ser publicada em forma escrita ou oral como parte integrante de um mesmo livro em uma ou várias partes.

7. a) «*Colecção*» devia ser apenas o título colectivo principal em uso.

b) Pode ser dado ou entre o cabeçalho para o autor e o início da descrição (título próprio conforme o ISBD) ou então em nota.

c) Os equivalentes franceses, alemães, italianos e russos são:

Recueil (?), *Sammlung*, *Opere varie*, ...

d) Se for linguisticamente possível, os termos devem ser usados em fichas de unidade no singular e em fichas de autoridade no plural.

e) Há bons motivos para não usar os títulos uniformes nas «*colecções*», especialmente os títulos originais, no caso das traduções. Cada título é aqui tomado como se se tratasse de uma publicação original.

Por opção, estas traduções podem ser agrupadas por línguas.

Dentro de cada língua a sequência é determinada (alfabética ou cronológica?).

8. Se se utilizar o título colectivo de «*colecção*», deverá ser usado para toda a espécie de autores (literários, cientistas, técnicos) e assim incluirá, por exemplo, correspondências, sermões, discursos, conferências.

9. Apenas os poemas e as reproduções das obras de um artista serão excluídos de receberem um título colectivo.

Solução alternativa:

Os poemas podem ser tratados, como opção, como se fossem outras obras.

10. Para se ser capaz de subdividir as entradas reunidas sob a indicação de «*colecções*» deveriam utilizar-se notas, se for necessário.

11. Não pode ser estabelecido um esquema rígido para as categorias secundárias, mas pode ser dada uma linha geral de orientação.

a) A utilização das «categorias literárias» deve ser deixada ao arbítrio das bibliotecas (ver em apêndice a contribuição de Paisey para o estabelecimento, em inglês, de uma lista de categorias literárias).

b) Os seguintes cabeçalhos são propostos para as categorias secundárias bibliográficas Werke, Works, Oeuvres, Opere. Werke, Ausz., Selections, Textes choisis, Antologia.

Princípios de ordenação

12. a) De acordo com os *Princípios de Paris*, todos os títulos devem ser ordenados pelas suas entradas principais numa ordem alfabética directa sob os títulos das suas folhas de rosto no grupo das «obras únicas». (No caso do código nacional de regras de catalogação fornecer uma entrada principal sob o título uniforme (especialmente no caso do título original); o que também pode ser feito por uma entrada secundária).

b) As bibliotecas que, por várias razões, preferem «organizar» as entradas dos autores com muitas obras podem, de uma maneira geral ou no caso de certos autores, fazer adicionalmente entradas secundárias para a «coleção» antes da ordenação dos títulos num grupo das «coleções».

c) Se parecer de todo necessário fazerem-se as abreviaturas, poderão colocar-se sob colecção.

As soluções abaixo indicadas, que estão em contraste com este princípio, podem ser utilizadas como opção:

As regras alternativas dos parágrafos 520/521 do novo código de catalogação dos países de língua germânica;

As referências de cabeçalho e título das variantes de título como prescrevem as Regras Anglo-Americanas, Regra 100C.

13. Os elementos de ordenação devem ser lidos como palavras e não como sequência de letras.

14. a) Constituem elementos principais de ordenação: o apelido do autor, o nome próprio, o título da folha de rosto, respectivamente título uniforme.

Os subtítulos, a palavra «Ver» das remissões e as abreviaturas a indicar qual a participação da pessoa na obra, como por exemplo *Comp.* (para o compilador), não devem ser tomados como elementos que sirvam para a ordenação.

b) As entradas com idênticos títulos mas com diferentes datas deverão ser ordenadas cronologicamente.

No caso de existirem várias edições numa biblioteca deve fazer-se um arranjo por opção por editores, lugares, editores responsáveis, impressores.

c) No caso de datas idênticas de entradas, a ordenação é feita alfabeticamente pelos lugares da publicação. Sendo estes ainda idênticos, então as entradas são dispostas pela ordem

alfabética dos editores responsáveis, dos impressores; no caso destes serem ainda idênticos, recorre-se à ordem numérica das páginas.

15. a) As colecções que não têm categorias secundárias devem ser ordenadas pelo título da folha de rosto;

b) No caso de ser desejável dar-lhes uma subcategoria, deveriam admitir-se duas soluções (por escolha):

ba) De acordo com os primeiros cabeçalhos de todas as categorias secundárias — quer sejam subdivididos em divisões literárias e bibliográficas ou não — bem como todas as entradas que lhe estão subordinadas devem ser ordenadas alfabeticamente. Usa-se uma vez que a subdivisão utilizada é a literária e teria precedência;

bb) A solução alterna agrupa o material sob um certo ponto de vista mais sistemático. Por conseguinte, as entradas deveriam ser geralmente subdivididas em categorias bibliográficas e literárias, tendo as bibliográficas a precedência. Adentro das subcategorias bibliográficas todos os cabeçalhos deveriam ser organizados da seguinte forma:

Works, Werke, etc.

Selections, Werke, Ansz., etc.

Os cabeçalhos das categorias literárias e as entradas lá postas deviam ser ordenadas alfabeticamente.

Solução alternativa:

Por opção, as entradas secundárias por subcategorias do cabeçalho de «colecção» devem ser ordenadas cronologicamente.

16. As folhas singulares deveriam ser geralmente ordenadas pelos títulos da folha do rosto.

17. a) Um título uniforme pode ser estabelecido para reunir todas as edições duma obra e as suas traduções;

b) As edições das obras na mesma língua unidas sob os títulos uniformes devem ser ordenados cronologicamente sob os seus títulos uniformes;

c) As bibliotecas podem fazer a diferenciação entre obras completas e incompletas;

d) As edições das traduções deveriam seguir os seus originais pela sequência alfabética dos nomes das línguas. A base é a língua usada pelo respectivo código de catalogação. (Parece impossível alcançar-se uma ordem aceitável de uma língua internacional);

e) No caso de haver idênticas datas, o arranjo deveria seguir os princípios especificados em 14c.

18. Os títulos convencionais para organizar as entradas de «obras singulares» sob a subdivisão dos géneros é optativa. Se as exigências dos «Princípios de Paris», secção 2.1, forem realizadas deveriam ordenar-se numa ordem alfabética directa, sob o título da folha de rosto juntamente com todas as outras «obras singulares».

19. Embora o título colectivo seja um meio para organizar as entradas de um autor, em certos casos especiais também pode ser aplicado o da colecção de dois e três autores.

20. As entradas secundárias e as remissões deveriam ser intercaladas com as entradas principais (Este tópico carece ainda de maior discussão).

Foram propostas outras soluções em alternância com as que acabamos de expor.

Quanto à proposta do Paisey e que vem em apêndice, é a seguinte:

Lista das categorias literárias cuja ordem alfabética é a inglesa e não a da tradução portuguesa que aqui damos:

Aforismos	Romances
Baladas	Parábolas
Comentários bíblicos	Peças de teatro
Entrevistas	Poemas épicos
Diários	Poemas líricos
Controvérsias	Odes
Epigramas	Sonetos [etc.]
Ensaio	Prosa
Fábulas	Reproduções de obras de arte. Desenhos [etc.]
Contos de fadas	Sagas
Jornais íntimos	Sátiras
Lendas	Comentários
Cartas	Sermões
Notas marginais e memorandos	Contos
Miscelâneas	Discursos
Livros de notas	Discursos parlamentares [etc.]

As seguintes categorias são também objecto de títulos convencionais:

Resumos e adaptações

Sumários e paráfrases

Obras supostas.

REUNIÃO DA FID

De 2 a 14 de Setembro de 1972 decorreu a 36.^a Conferência e o Congresso Internacional da FID que, diga-se desde já, teve uma organização deveras inferior ao da IFLA. O tema central do Congresso foi este: A PARTICIPAÇÃO DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS NA EXPANSÃO MUNDIAL DAS ACTIVIDADES DOCUMENTAIS E DA TROCA DE INFORMAÇÕES.

Naturalmente que se começou por dar uma panorâmica do que se está fazendo ao nível mundial e inter-regional. Tiveram então ocasião de apresentar o sumário das suas actividades o International Centre for Scientific Information, a OCDE, AGRIS, UNIDO, INIS, que fez passar um filme sobre esta agência da energia atómica, e UNISIST.

Depois de expostos largamente os seus planos, seguiu-se o estudo da participação dos pequenos países e dos pouco industrializados na troca internacional da informação científica e técnica. Como terceira sessão de trabalhos realizou-se a relativa às barreiras da comunicação internacional em especial na América Latina e salientou-se como uma das mais difíceis de transpor a da língua.

O quarto e último tema a tratar-se foi o da Informação e Bibliografia para as ciências sociais e humanidades, estabelecendo-se um paralelo no que presentemente acontece no campo das ciências exactas e das técnicas. Tratou-se, em correspondência com a questão dos sistemas correntes, dos problemas de cooperação, das questões dos resumos e da indexação, etc. Focaram-se especialmente duas realizações de tipo piloto: a Bibliografia de Estudos Asiáticos e o Répertoire International de Littérature Musicale.

Das comunicações apresentadas, umas feitas a convite da FID, outras livres, temos de salientar as seguintes como tendo maior interesse, dispostas por ordem de apresentação:

COMUNICAÇÕES FEITAS A CONVITE

1) SOROKIN, I. — *International Centre for Scientific and Technical Information*, em que afirmou, conforme o COMECON, que se estavam a fazer planos de grande alcance, em especial em se criar um *thesaurus multilingue*.

2) OCDE: *The scientific technical information policy group: Current programme and trends*, o IPG, que tem as seguintes actividades como prioritárias:

- a) Políticas nacionais de informação;
- b) Educação e treino dos especialistas da Informação;
- c) Informação e comunicação em ciências sociais;
- d) Qualidade da informação e dos dados;
- e) Informação para a Inovação na Indústria;
- f) Computadores e aplicações das telecomunicações;
- g) Tecnologia e poder no futuro.

3) SCHWOERBEL, Herbert — *UNIDO. Draft outline of a report...*, onde se ocupou dos trabalhos principais que tem em curso a UNIDO. Aliás o esquema proposto é simples. Tendo-se identificado o perfil dos utilizadores e suas necessidades, passa-se a outro problema de igual importância — identificar as fontes de informação e escolher os meios adequados para fazer a transferência da informação, tendo em consideração os recursos humanos e financeiros dos países desenvolvidos.

A UNIDO combina ainda a sua actividade com uma *Clearing House* da Informação industrial.

4) WYSOCKI, Á. — *UNISIST programme and cooperation with FID* — Descreve-se o programa da actividade da UNISIST para 1973-1978, que comporta cinco objectivos: criação de bases para sistemas de inter-relações, de sistemas de transferência de informação, desenvolvimento da informação especializada, desenvolvimento das políticas nacionais da informação e assistência aos estados membros. Aliás ficou bem saliente desta comunicação que o UNISIST é um sistema e não um serviço.

5) KUNZ, Werner — *A low cost offline fulltext service for integrating small countries into international information systems*, onde se trata do USTIS (Ubiquitous Scientific and Technological Information System).

6) WINDE, B. — *Experience in providing leading staff with information on science and technology in the German Democratic Republic*.

7) LÉVAI, S. — *Some problems of the smaller industrialized countries in the international information exchange*.

8) LIEBESNEY, F. — *Patent documentation in developing countries*.

9) MIKHAILOV, A. I. — *Overcoming of barriers in international exchange of information*.

Os problemas versados reduziram-se a três pontos: 1.º os estudos especiais e a informação em cada campo do conhecimento estão reduzidos, em 75% dos casos, a duas ou três línguas; em matemática, por ex., ao inglês, russo e francês; 2.º a forma mais válida de resolver as diferenças de línguas é desenvolver um sistema mecânico de tradução por meio de uma língua intermédia, tendo por base as 5 línguas utilizadas na ONU.; 3.º o ideal será, porém, achar-se uma *língua universal da ciência*.

10) KEENAN, Stella — *Joint FID-NFSAIS inventory project on world abstracting and indexing services*, que relatou os trabalhos em curso no ano de 1971 entre a FID e a *National Federation of Science Abstracting and Indexing Services*, que estabeleceram, como primeiro passo, um projecto conjunto para criar uma máquina que permita inventariar os serviços mundiais de resumos analíticos e de indexação. Assim foi estabelecida uma relação entre as palavras-chave e a CDU com vista a alcançar-se aquele objectivo.

11) VICENTINI, Abner — *Overcoming barriers in international communication related to Latin America*. Após haver definido os conceitos de cultura, organização social, ciência da informação, informática e comunicação, identificou as barreiras que se opõem na América Latina à difusão da comunicação internacional registando como principais as seguintes, que é preciso vencer: etnocentrismo, língua, taxas alfandegárias, tradicionalismo, recursos humanos, «fuga dos cérebros», comportamento dos utilizadores, transferência da tecnologia.

12) OOTUKA, Haruo — *A problem of information flow from a country of more isolated language to world network of information.*

13) KABESH, A. — *Overcoming some basic barriers to information dissemination in less industrialized countries.*

As barreiras em tais países são:

A concentração económica nas mãos governamentais; as actividades e valor da informação são desconhecidas; as fontes de informação que possam existir não são exploradas. Seguem-se depois o problema das línguas, insuficiência de fundos para as bibliotecas, falta de integração da informação nos planos nacionais de desenvolvimento, não há preparação dos utilizadores, não há cursos de preparação e actualização de bibliotecários, documentalistas e especialistas da informação; e falta a cooperação ao nível internacional.

14) GYÖRE, P. — *The education of experts of scientific documentation / information with regard to the problems of experts in less industrialized countries.*

Distingue as seguintes categorias da actividade da informação, todas bem diferenciadas: bibliotecários, bibliotecário especializado, investigador no campo da informação e investigador no campo da informática, e ocupou-se depois da preparação destes técnicos na Hungria.

15) *Review of regional and worldwide documentation activities. Development of the AGRIS system.*

Descreve as actividades da AGRIS, International Information System for the Agricultural Sciences and Technology, que funciona sob os auspícios da FAO. Os benefícios que cada país recebe da AGRIS são os seguintes:

a) Oportunidade de organizar o inventário, as publicações e as descrições bibliográficas nacionais, levando-as a serem conhecidas dos outros países;

b) Em troca, cada país receberá um conjunto completo de dados através de um esforço cooperativo;

c) Os utilizadores de AGRIS terão acesso directo ao sistema ou então através de centros de documentação.

RELAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES LIVRES

1) HESUNG CHUN KOH — *An automated bibliographic control system for Asian Studies: HABS.*

2) JUHANZ, M. Funnel e VAUGHT, E. — *Table of contents practices of primary journals: special opportunities for journals of developing countries.*

3) VELASCO, Carlos e SANDOVAL, Armando M. — *The infrastructure of a developing country leading to an international information network.*

4) GABROVSKA, S. e PAJCEVA, V. — *The abstract bulletins of the national scientific literature — An efficient way of participation of small countries in the exchange of scientific information on a world scale.*

5) STERN, B. T. — *Design principles for an on-line information system accessing multiple files and using microfiches—Fishard.*

6) WIESENBERGER, Ivan — *Integration of information systems of small industrialised countries.*

7) GY, Occ. Pusztabiró — *Documentation of scientific literature as source of forecasting with special regard to requirements of developping countries.*

8) MENOU, Michel J. — *Some remarks on the elaboration and use of indexing languages within developping countries.*

9) HEAPS, Doreen — *Cooperation and optimatization of resources in providing information services.*

Foram presentes ainda mais uns vinte e cinco trabalhos, mas de menor interesse, versando o tema proposto — a Informação e o desenvolvimento dos países.

OUTRAS NOTAS

De 27 de Agosto a 1 de Setembro de 1973, realizar-se-á em Grenoble, França, o 39.º Conselho Geral da IFLA, tendo por tema geral o «Controle bibliográfico universal». Bom será, pois, que os bibliotecários portugueses e os técnicos da informação científica se façam aí representar em grande número, pois só assim se poderá obter uma noção mais realista da multiplicidade de problemas que a IFLA versa. A última reunião que se efectuou em solo francês foi em Paris, a 23.ª reunião do Conselho Geral da IFLA, no ano de 1957. A 39.ª reunião do Conselho Geral da IFLA será precedida de um seminário de bibliotecários do 3.º mundo. As inscrições terão de ser feitas até 1 de Maio de 1973 e o seu custo é de 130 dólares norte-americanos ou 160 francos franceses. Quanto à 40.ª reunião do Conselho Geral da IFLA está planeada para Washington no ano de 1974.

A próxima reunião geral da FID será em 1974 na Alemanha, em cidade a designar, e em 1976 efectuar-se-á nova reunião da FID nos Estados Unidos da América, possivelmente em Washington.

Os novos corpos directores da IFLA e da FID tem nomes bem conhecidos dos bibliotecários portugueses. Assim, o sr. Herman Liebaers, que esteve há anos entre nós a proferir conferências, voltou a ser reeleito, em Budapeste, para presidente da IFLA e para presidente da FID foi escolhido o sr. Arntz, que já esteve também entre nós e conhece razoavelmente o português. Para conselheiro da FID, foi eleito por quatro anos o Abner Vicentini, figura que todos conhecemos e que é distinto colaborador dos «Cadernos».